

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE ENFERMAGEM

BACHARELADO EM SAÚDE COLETIVA

EDSON RIBEIRO

**NARRATIVAS PESSOAIS DE UM ESTUDANTE INDÍGENA
UNIVERSITÁRIO E SUA JORNADA PARA SE TORNAR UM
SANITARISTA**

Porto Alegre, setembro de 2023

EDSON RIBEIRO

**Narrativas pessoais de um estudante indígena universitário e sua
jornada para se tornar um sanitarista**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
aprovação no Bacharelado em Saúde
Coletiva da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

ORIENTADOR: Dário Frederico Pasche

Porto Alegre, setembro de 2023

SUMÁRIO

Introdução	04
Metodologia de trabalho - o processo de construção do tema de pesquisa	05
Contar histórias, narrativas pessoais: provocar à memória o esquecimento	07
Minha jornada para se tornar um sanitarista: desafios e contornos	08
Meu percurso pelo curso: marcas singulares de um processo	23
Referência Bibliográficas	26

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo mostrar como se deu a minha trajetória acadêmica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que se iniciou em 2014/1. Neste relato pessoal decorre em grande parte de troca de correspondências com meu orientador, e nele trazer desde minha memória pessoal elementos para destacar dificuldades que enfrentei como indígena morador na Aldeia Indígena da Guarita (Tenente Portela, RS) e também as barreiras, dificuldades e experiências que me foram agradáveis e proveitosas durante os anos que passei na Universidade.

Vou começar a escrita falando de minha infância, minha vida escolar e como trabalhador fora da Aldeia, passando pela decisão de minha saída da aldeia onde eu morava com meus pais e irmãos para vir estudar em Porto Alegre, na UFRGS. O distanciamento da família, o fato de morar sozinho em uma cidade grande em uma instituição também grande e complexa, foram componentes importantes desde o início até o fim de minha jornada de formação como sanitarista.

As motivações desse trabalho de escrita têm duas dimensões que considero bem importantes: a primeira tem um sentido pessoal, na medida em que imagino que essa escrita, pelo revisitar de minhas memórias, possa me ajudar tanto a compreender a minha jornada formativa, como, de alguma forma, eu fechar esse meu ciclo na Universidade, compreendendo quem eu mesmo fui me tornando. Uma escrita, portanto, sensível de minha experiência singular em um Curso também bastante singular, que é o Bacharelado em Saúde Coletiva.

Outro sentido que meu trabalho contém - uma de minhas motivações -, é deixar um registro que mostre aos novos alunos e novas alunas indígenas a minha trajetória acadêmica indicando, desde minha situação singular, dificuldades que vão encontrar na UFRGS, pois imagino que a Universidade, embora muda, ainda permanecerá com desafios para acolher de forma efetiva as estudantes e os estudantes indígenas. Mas é claro que a experiência não é só feita de dor e ressentimentos. Aqui estudantes indígenas encontrarão todo tipo de ajude e apoio, formarão novas amizades, inclusive com professores.

METODOLOGIA DE TRABALHO - O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO TEMA DE PESQUISA

Nesses últimos semestres, sobretudo a partir de 2022_2º, quando cursei a UPP de Apoio ao Planejamento, Gestão e Avaliação com o Prof. Dário Pasche, vinha construindo ideias sobre meu TCC. Pensei muitas questões que poderiam ser tratadas, os tais objetos de pesquisa e onde fazer a pesquisa. Sempre pensei em fazer estudos e mesmo pesquisas sobre a Gestão da Saúde Indígena, que poderiam resultar tanto em formas de melhor conhecer como tem ocorrido a implementação de políticas e ações para as nossas populações indígenas, como apontar caminhos e direções para superar graves e crônicos problemas como a escassez e irregularidade da oferta de serviços e a qualidade do cuidado.

Pensei também em atuar junto a uma comunidade indígena de Porto Alegre ou nos arredores da capital. Cheguei a ir como Professor Dário Pasche na Aldeia FAG NHIN na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre. Lá nos reunimos com lideranças indígenas e com a Equipe de Saúde Indígena. Avaliamos que poderíamos tanto atuar com jovens, ampliando as atividades já desenvolvidas, como resgatar a memória e conhecimento sobre o uso de plantas medicinais, retomando antigo desejo da comunidade de refazer sua horta comunitária de chás.

Mas nada disso foi adiante: minha distância com a gestão cotidiana da saúde indígena, mesmo considerando o estágio que fiz na Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Porto Alegre na Coordenação da Saúde indígena, inviabilizou a construção de um TCC sobre gestão do cuidado. Na comunidade indígena FAG NHIN na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, a ação não foi adiante, em parte por dificuldades minhas, pessoais mesmo de atuar com uma comunidade, embora eu a conhecesse e que me reconhecia; me desorganizei para atuar nessa frente. Penso hoje que essas ideias que não foram adiante podem falar menos de um fracasso pessoal, e mais de uma dinâmica da própria universidade e suas formas de atuação propostas para estudantes indígenas.

Enfim, continuei na parceria com o Prof. Dário Pasche que na UPP de Apoio PGAS foi se fortalecendo. Nessa UPP, que apoia estudantes no final do Curso na lida com seus TCCs e Estágios, uma das tarefas que acordamos foi apresentar as ideias e os projetos de TCC, analisando como foi o processo de construção de cada um dos projetos. Para estudantes que ainda não haviam decidido sobre o que fazer, abriu-se

espaço para uma construção compartilhada, a partir de troca de ideias e experiências. No dia em que fui convocado a falar não foi fácil. Mas me senti acolhido pelo grupo, que me perguntou se eu desejava fazer a conversa e se me sentia confortável em compartilhar no coletivo.

Entendi essa preocupação como espaço de acolhida e entrei na roda, na conversa. Foram dois encontros de trocas intercaladas com a construção de TCC de colegas, quando então amadureceu a ideia de eu falar e analisar minha própria trajetória de formação como estudante indígena na Universidade, questão que nas entrelinhas das minhas falas sempre estava presente. Lembro-me de uma colega do Congo, a Gaelfie, que falou de sua experiência também bastante difícil na UFRGS como aluna refugiada e negra. Tomei coragem e consegui perceber naquelas conversas que meu testemunho era importante tanto do ponto de vista pedagógico como do ponto de vista político, pois a inclusão de negros e indígenas e demais populações excluídas historicamente da Universidade é uma solução que traz uma série de novos problemas (como dizia o prof. Dário), que se não forem discutidos e analisados permanecerão produzindo uma série de efeitos dolorosos sobre as pessoas, como colocando em questão se é oportuno e pertinente a permanência dessas incitavas.

Na sequência, em outras conversas com meu orientador, fomos conversando sobre como fazer esse trabalho, já que digo, sem vergonha, trago algumas dificuldades com a escrita (e bem sei que isso não é uma questão particular). Pensamos em fazer um podcast, onde a partir de roteiro eu gravaria meu testemunho. Achei meio complicado, pois nunca usei esse tipo de ferramenta. Em outra oportunidade o professor conversando sobre memórias lembrou de um texto do Professor Gastão Campos escrito na forma de carta: carta para um jovem sanitarista. Falou sobre uma série de livros de bolso sobre Cartas a jovens (médicos, psicanalistas, advogados...) e pensamos: por que não escrevermos uma carta a jovens indígenas ingressantes na universidade brasileira?

Essa ideia nos pareceu muito atraente, pois meu testemunho teria uma direção e um destino. Ocorre que também essa forma não se tornou possível. Talvez pela ausência concreta de um remetente. Talvez essa carta fosse genérica demais e um tanto longa. Mas não desistimos da ideia e fomos, a partir dela, criando um contorno: e se eu escrevesse para o Prof.º Dário, que então poderia responder e assim aquecer uma conversa, que teria continuidade em tantas correspondências quantas forem possíveis de serem escritas nesse período de elaboração do TCC?

E assim combinamos. Fui provocado em uma reunião a escrever sobre minha trajetória, começando desde meu nascimento, a vida em família, minha infância e vida escolar. Escrevi a primeira carta em 29 de maio de 2023, e logo tive a respostas. Por um período de três meses, trocamos cartas, conversando sobre muitos assuntos que envolveram minha trajetória, minha opção por cursar Saúde Coletiva na UFRGS e meu percurso na Universidade desde 2014.

Nesses mais de 90 dias trocamos dez correspondências, que serão transcritas integralmente no meu TCC. As correspondências, por si só, lidas entre cada uma das cartas e suas respostas trazem os elementos para a compreensão de minha trajetória, seus percalços e potências.

Ao final, construo uma análise na qual esses elementos todos se inter cruzam, com apontamentos finais, que não tem a pretensão de encerrar a conversa, senão finalizar o TCC.

Importante dizer que a escrita, que aqui compartilho, tem uma dimensão afetiva e coletiva, pois feita no entremeio de relação que eu e meu orientador construímos, que nos foi possível construir.

CONTAR HISTÓRIAS, NARRATIVAS PESSOAIS: PROVOCAR À MEMÓRIA O ESQUECIMENTO

Guardar na memória, memorizar, é o próprio ato de esquecer, disse-me certa vez meu orientador. Curiosa definição de memória, compreendida pelo contrário do que comumente se diz: o esquecimento. Como registramos tudo em nosso cérebro, imagens, sons, movimentos, situações, acontecimentos.... impossível acessar isso tudo de forma global e simultaneamente e, assim, deixamos guardado no lugar do esquecido, que pode ser buscado. Mas nem tudo que para lá se foi pode ser acessado e nem de qualquer forma.. E nem sempre quando se quer. Às vezes memórias comparecem como sonhos. Outras vezes de forma espontânea, provocada por algo que sequer compreendemos. Outras vezes porque “fomos buscar na memória”, como se diz popularmente. O fato é que para a construção do meu TCC construí perguntas, ou certas interrogações, para acessar o esquecido em minhas memórias do esquecimento.

As linhas narrativas foram criadas por fios que atirei para laçar de minhas memórias desde a lembrança de fatos, acontecimentos e sentimentos que falam de meu caminho para chegar na Universidade e nela permanecer. Assim percorri minha memória em busca de elementos que podiam comparecer à consciência provocados por interrogações da pesquisa:

- ✓ Como foi, como se deu o ingresso na UFRGS: dificuldade durante o ingresso na Universidade;
- ✓ As principais dificuldades no início do curso: as adaptações pessoais que tive que fazer, a começar pela adaptação a nova moradia e tudo mais que isso implicou na minha existência, então partilhada à distância com minha família indígena;
- ✓ As dificuldades no curso durante todos os semestres: o que se superou; o que em mim foi intransponível e não dei conta; como lidei com isso e que apoio tive; redes que se formaram etc.

A essas questões iniciais foram colocadas outras, que buscaram elementos de um percurso muito anterior à minha chegada à UFRGS, como sobre meus pais, minha família e convivência comunitária; sobre minha infância e vida escolar. Minhas andanças enquanto jovem e jovem adulto.

Interrogações que se colocaram entre conversas com meu orientador e cartas que escrevi e cartas-respostas que ele me enviou. Nem todas as questões tratadas nas cartas foram respondidas; e alguns foram respondidas de forma parcial. O importante, nesse momento, é que por meio desse exercício de escrita-reflexão pude revisitado, por algumas passagens, o caminho que escolhi como destino de minha própria vida, que compartilho com vocês, leitores do meu TCC.

MINHA JORNADA PARA SE TORNAR UM SANITARISTA: DESAFIOS E CONTORNOS

Desde que comecei a tarefa de escrever correspondências para meu orientador, pensei em fazer o TCC como uma narrativa livre a partir de questões que colocaríamos nas trocas de cartas. Algo que funcionasse como processo de ativação de minhas memórias, que se entrelaçariam com informações sobre a política de cotas e dados de estudos que analisam o ingresso, a permanência de estudantes indígenas nas

universidades do Brasil. E pela conjuntura sanitária e política de nosso país, onde as questões indígenas se apresentam e se colocam no cenário local e nacional, a exemplo do Marco Temporal¹.

Narrar é contar histórias então pensei em começar pela minha apresentação pessoal, situando o leitor:

Sou Edson Ribeiro, Indígena da etnia Kaingang da Guarita, localizada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, no município de Tenente Portela.

Sou filho de Nildo Ribeiro e Noemi Ribeiro, tenho cinco irmãos, sou pai dois filhos, Joice Mirela e Diego. Estudei até a 4ª série em uma escola indígena, na Aldeia Guarita. Terminei o ensino fundamental e fiz o ensino médio em duas escolas públicas Sepé Tiaraju e Cléia Salete Dalberto, localizadas na cidade de Tenente Portela.

Depois fiz Curso Técnico de Enfermagem, mas não cheguei a concluir o curso, pois decidi sair de minha comunidade e trabalhar na cidade. Trabalhei fora da Aldeia por quase 10 anos, quando voltei para minha reserva indígena no Guarita eu decidi a voltar a estudar e fazer uma graduação na Universidade, tive o total apoio de minha família, por que para mim não seria fácil eu iria ficar longe da minha filha, mas tive o apoio de minha família para fazer o processo seletivo para ingresso na UFRGS, onde me tornei estudante o Bacharelado em Saúde Coletiva no 1º semestre de 2014.

A possibilidade de eu fazer uma graduação em uma universidade que tem cotas específicas para indígenas surgiu em 2013 quando abriu o processo seletivo específico para indígenas, para o ingresso em 2014. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) concretiza um sonho, um grande desejo que eu tinha de voltar a estudar, e estudar em uma Universidade, pois já estava sem estudar fazia quase 9 anos, desde a minha formação no ensino médio.

Ao final desse processo de troca de correspondências e conversas que fizemos em reuniões e em troca de e-mails foram escritas dez correspondências, no período de 29 de maio a 23 de agosto de 2023, totalizando quase 90 dias, ou aproximadamente três meses de trocas de escritos.

Abaixo seguem, em ordem cronológica, as correspondências.

Sugiro que sejam lidas em sequência na ordem *carta – carta-resposta* (a 9ª carta foi escrita pelo Prof.º Dário antes da minha 5ª e última correspondência).

¹ Segundo a Agência Câmara de Notícias, o Marco Temporal “é uma tese jurídica segundo a qual os povos indígenas têm direito de ocupar apenas as terras que ocupavam ou já disputavam em 5 de outubro de 1988, data de promulgação da Constituição”. Maiores detalhes consultar: <https://encurtador.com.br/nEJLR>

Quadro com troca de correspondências entre Eder Ribeiro, estudante indígena do Curso de Saúde Coletiva e Dário Pasche, orientador do TCC

Cartas escritas pelo Éder Ribeiro	Cartas-respostas escritas pelo Dário Pasche
<p><i>Primeira Carta</i> sobre minha vida antes de ingressar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)</p> <p>Porto Alegre, 29 de Maio de 2023.</p> <p>Sou Edson Ribeiro, filho de Noemi Ribeiro e Nildo Ribeiro, sou pai de Joice Mirela Ribeiro e Diego MíG Proença Ribeiro, sou natural de Tenente Portela, sou indígena, da etnia Kaingang da terra indígena Guarita.</p> <p>Venho por meio dessa carta, descrever um breve relato de minha vida antes de ingressar na universidade, bem como já falei sou Edson Ribeiro, nasci e me criei na cidade de Tenente Portela, especificamente na aldeia indígena, Guarita, onde passei a maior parte de minha vida e lá tive os ensinamentos tradicionais da minha cultura que carrego os ensinamentos até hoje. Conclui meus estudos no ensino médio em 2005, na escola Cléia Salete Dalberto em Tenente Portela.</p> <p>Após a conclusão do ensino médio fiquei um longo tempo sem pensar em estudar, priorizei trabalhar e ajudar meus pais em casa, em 2006, fui para Vacaria atrás de uma oportunidade de emprego porque em Tenente Portela o emprego era pouco e mal remunerado, pois então fui residir em Vacaria, fiquei um bom tempo trabalhando, e mesmo assim mantia contato com meus pais e irmãos mesmo distantes.</p> <p>Durante esse período que fiquei morando fora da minha aldeia indígena, não pensava em estudar mais pensava só em trabalhar e ajudar na criação da minha filha que nasceu em 2006, no período que fui em busca de trabalho na cidade de Vacaria, pois com o emprego e de carteira assinada eu teria mais condições de ajudar na criação de minha filha, dando um suporte e não deixando faltar as coisas necessárias que uma criança necessita. Fiquei em Vacaria até 2010, quando a resolvi voltar para Tenente Portela, para morar mais perto dos meus pais e irmãos, por que a distância e a saudade foram mais fortes nessa minha tomada de decisão, de retornar para minha aldeia indígena.</p> <p>Em Tenente Portela, no período de 2011 e 2012, abriu uma possibilidade de voltar a estudar e fazer um curso na área da saúde, em Técnico em Enfermagem, na cidade</p>	<p>Porto Alegre, 21 de junho de 2023.</p> <p>Prezado Éder,</p> <p>Hoje é quarta-feira, dia 21 de junho. Começa hoje no hemisfério sul o inverno. Em Porto Alegre o dia é cinzento e molhado, mas não está muito frio. Na minha casa está marcando 13º graus. Gosto do inverno, do frio que por alguma razão me estimula. Acho que os dias mais escuros, acinzentados combinam mais com minhas tarefas diárias na Universidade: ler, escrever, dar conta da rotina de preparação de aulas e das atividades de administração universitária, que tanto me envolvem e ocupam.</p> <p>Li nestes dias em que o frio se aproxima a tua carta. Fiquei imaginando, a partir desse teu primeiro escrito, como você viveu os invernos na tua infância na terra indígena Guarita, em Tenente Portela. Imaginei crianças, entre elas você, correndo pelos pátios das casas, brincando de “fazer o bafo”, expirando com força o ar quente dos pulmões, que com o choque com o ar frio se torna uma bruma visível. Brincadeira de minha infância, e que hoje faço com meus filhos. Pensei também que o frio exige mais calorias, atíça a fome e que a dieta na aldeia indígena deva ser especial nessa época. Lembrei do pinhão, da mandioca, do milho, da carne de galinha e de porco. Lembrei das frutas de inverno, sobretudo as laranjas e bergamotas. Imagino que esse jeito, esses cheiros do inverno estejam de alguma forma em tua memória.</p> <p>Não sei se sabes, mas nasci aí por perto, em Ijuí. Algumas vezes fui em direção a Portela, pois a família de minha primeira companheira era de Miraguaí. Também estive muitas vezes em Três Passos, pois minha irmã morou por lá um par de anos, como se diz. Fui também a convite de secretarias de saúde de municípios da região para falar do SUS, de saúde em geral, quando estive na UNIJUI, onde trabalhei por duas décadas e meia.</p> <p>Por essas minhas incursões na região e por atividades desenvolvidas na UNIJUI uma universidade comunitária e fortemente inserida na dinâmica regional, conheci pessoas muito interessantes, como o médico Odalci Pustai, que atuou na Guarita, e</p>

de Redentora a quase 35 quilômetros de Tenente Portela. Com essa oportunidade de fazer um curso técnico, fiz a matrícula com duração de 2 anos, durante esse período, tive que mudar minha vida totalmente pois minha filha começou a morar comigo, com isso tive que mudar totalmente porque a responsabilidade era maior por ter uma criança pequena, mas tive bastante apoio dos meus familiares para com a criação da minha filha.

As mudanças me fizeram parar por alguns meses meu curso, mas com a ajuda dos meus pais e meus irmãos que me fizeram a retornar ao meu curso técnico em enfermagem, mas durante esse tempo que fiquei sem ir ao curso me fez refletir muito, pois agora tinha uma criança pequena que dependia de mim. Mas mesmo assim conseguia conciliar meu trabalho, estudos, e cuidar da minha filha. Tive uma experiência muito boa no curso técnico em enfermagem, que me fez gostar muito em ter uma formação na área da saúde.

No final de 2013, abriu o edital específico para estudantes indígenas na universidade federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que abriu uma oportunidade de realizar um sonho que era fazer um curso superior, mas isso seria possível se eu passa-se nas provas do vestibular, que seria realizado no ano seguinte em 2014. Mas isso também teria que ser uma decisão não somente minha, mas com meus familiares, porque no momento estava com uma responsabilidade enorme.

Para não perder o prazo das inscrições do edital, fiz o encaminhamento de todas as documentações que era necessária, e juntamente com as lideranças da minha comunidade indígena, que assinaram para eu conseguir fazer a inscrição. Com o aval do cacique e suas lideranças que apoiam muito os novos estudantes a fazer uma faculdade, porque a saúde indígena é muito precária e não ter muitos indígenas formado em uma graduação na área da saúde, por isso do apoio total, olhando o edital de várias possibilidades de curso entre todos escolhi Bacharelado em Saúde Coletiva, por ser um curso que abrangia toda a saúde, e foi no qual mais me identifiquei e fiz a escolha.

Já no início de 2014, me desloquei para Porto Alegre para fazer a prova do vestibular, com uma perspectiva enorme de passar porque tinha passado um bom tempo estudando para chegar na hora e dar tudo certo, mesmo que sabendo que avia vários escritos para concorrer a essa vaga para Bacharelado em Saúde Coletiva. Os dias após eu ter feito a prova foram de uma ansiedade enorme, porque eu não era o único que estava esperando sair o edital dos aprovados, após uma semana longa de espera chegou o resultado dos aprovados e eu estava entre os 10 indígenas

que mais tarde se tornaria professor na Faculdade de Medicina aqui da UFRGS, com quem tive o prazer de trabalhar. Odalci se aposentou logo depois da Pandemia de Covid 19. Com ele aprendi muito sobre a questão indígena, pois Odalci criou muitas atividades e tomou muitas iniciativas nessa direção, como a criação da Casa Indígena da UFRGS, que ficava onde hoje é o prédio do ICBS; e ensinamento sobre cultura e saúde indígena para estudantes de medicina e a criação da Liga de Saúde Indígena na FAMED. Uma aluna minha da UNIJUI, que nesse momento não consigo lembrar o nome, assumiu por aqueles anos a coordenação da Unidade de Saúde da Guarita (mais tarde ela foi coordenadora do Núcleo Estadual de Saúde do Ministério da Saúde no RS). Talvez você, ou alguém da comunidade lembre dessas pessoas, e posso até ter tido contato pessoal.

Mas voltando ao tempo que estive na UNIJUI e as andanças pela região percebo, hoje te escrevendo, que a questão indígena não comparecia na maioria das atividades e conversas. A aldeia, incrustada no território, era tema para “outras gentes”, em geral a o pessoal na FUNAI, que de alguma forma blindava o assunto. Apareciam, isso sim, os conflitos de terras com arrendatários e posseiros, a morte de crianças por desnutrição, o alcoolismo e as outras questões que o povo da cidade tomava como desprovido de sentido, como o destino de crianças gêmeas, que julgavam e desaprovavam por uma moral católica, avaliação desprezada e descolada da cosmo percepção do povo Kaingang e demais povos que viviam na religião como os Guaranis. Aliás, a ignorância e o racismo eram os principais marcadores da percepção branca e cidadina com que os povos indígenas eram considerados. Ouvi desde minha infância que se tratava de “bugres”, numa tentativa de redução ontológica dos povos que primeiro habitaram a região. Essa redução é pelo rebaixamento de sua condição humana, que trazia consigo a ideia de inferioridade, de atraso cultural e de subdesenvolvimento.

Sinto pesar em te escrever isso, que em ti, imagino, apesar de não ser novidade, possa doer como um golpe de martelo.

Como foi possível essa produção cultural e sua manutenção, que durante décadas e muitas décadas se colocou como uma das tantas “verdades mentirosas” e mitológicos do colonizador branco europeu?

Isso que escrevo foi motivado só por um pedacinho do teu escrito, quando você escreve, mesmo sem fornecer muitos elementos, que viveste “*na aldeia indígena, Guarita, onde passei a maior parte de minha [vida e] tive os ensinamentos tradicionais da minha cultura que carrego os ensinamentos até hoje*”.

Nessa mesma direção, importante reconhecer que a vida comunitária na aldeia,

aprovados no edital, foi uma enorme emoção de todos meus familiares ao saber do resultado.

Mas apesar de estar muito feliz eu também me via numa escolha, de sair de perto de minha filha, dos meus pais e irmãos, mas tive o apoio de todos para realizar esse sonho, a decisão não foi fácil de sair de casa de uma comunidade indígena do noroeste do estado para se mudar para uma cidade grande onde que não conhecia ninguém, e mudar totalmente minhas rotinas.

Com a decisão tomada, na metade de fevereiro de 2014, me desloquei para Porto Alegre para fazer o encaminhamento das documentações da minha matrícula, com o coração na mão pois iria ficar longe da minha filha. Mas sabendo que ela seria bem cuidada pelos meus pais e irmãos, tive o total apoio deles nessa nova jornada na minha vida, pois seria o primeiro a fazer uma faculdade e ainda mais numa Universidade Federal. Quebrando barreiras, começa minha jornada acadêmica.

nesse ambiente tão hostil de seu entorno, é espaço de produção e reprodução da cultura indígena, como estratégias de produção de resistências a essa pressão e opressão que vem de fora. Talvez eu esteja, como minha cabeça já branca de homem branco e cidadão, criando um cenário de ficção. A experiência e intercâmbio com a cidade e com sua gente pode ter sido bem diferente, ou pelo menos mesclada entre isso que suponho (a hostilidade) e experiências e convivência que na cultura ocidental se chama de civilização, em que pese essa civilidade tenha sido produzida em meio à barbárie. Você fala de ensinamentos pela família e pela comunidade, bastião, sustentáculo de nossa formação como pessoas e coletivos.

Imaginei sobre a interação aldeia-cidade que tua primeira inserção mais extensiva com a cultura branca e da cidade (a que teve duração e intensidade maior) foi na Escola Cléia Salete Dalberto, em Tenente Portela. Imagino aquelas crianças, entre elas você, vindas da aldeia, em um espaço escolar organizado pela lógica da pedagogia colonial: professoras/es, sala de aula, classes enfileiradas, tempo cronometrado, tarefas, uma língua não materna a ser aprendida em seu regimento....

Essas observações que faço e mesmos instigações à tua memória infantil não são motivadas por simples curiosidade, mas porque compreendo que a tua inserção mais tarde na Universidade, possa ter trazido pra ti - ou mesmo não ter comparecido à tua consciência, como recurso de proteção - cenas, situações, afetos (sobretudo ruins) vividos na tenra infância, por aquele gurizinho que ouvia histórias de ancestralidades, que estava construindo seu imaginário social (tua percepção singular de como a é ser indígena na tradição de uma cultura passada entre gerações); mas que ouviu também, e vivia e percebia, esse fora-aldeia ameaçador, perigoso, desqualificador e, ao mesmo tempo, tentador e desejado de ser experimentado, por suas promessas e vantagens declaradas pelo povo da cidade.

Assim, meu caro Eder, queria te perguntar mais pela tua infância, tua convivência do a família e com outras crianças, e a relação com a escola. Consegues me falar como foi a tua inserção no colégio e como foi o processo de adaptação e assimilação, pelo ensino formal, da cultura branca, ensinada pela pedagogia da cultura ocidental e europeia. Ou que sabe você possa trazer elementos de memória que falem que nessa escola você recebeu ensinamentos que consideravam e respeitavam a cultural indígena.

Espero em breve receber outra carta tua.

<p><i>Segunda carta-resposta</i></p> <p>Presado Professor Dário!</p> <p>Hoje quarta-feira, 29 de junho. Professor Dário, com sua resposta da carta que lhe enviei falando um pouco de minha vida, percebi que não falei muito da minha infância de como que vivia na minha comunidade indígena do Guarita, de como fui recebido na escola fora da minha comunidade indígena, e do porquê fui estudar em uma escola que era fora de minha aldeia, de minha criação que meus pais me deram e os ensinamentos e do meu aprendizado no meu idioma o kaingang.</p> <p>Em 12 de dezembro de 1985, nasci, fui o quarto filho dos meus pais, Nildo e Noemi, nasci no Hospital Santo Antônio, em Tenente Portela. Na minha infância passei a maioria do tempo com meus irmãos, pois nós morávamos bem longe dos meus tios e primos, moramos por muito tempo retirados nesse local nas terras dos meus pais, onde eles criavam e cultivavam os nossos alimentos, com a criação de galinhas, porcos e bovinos, e também com o cultivo de mandioca (aipim) batata doce e milho, morávamos em uma casa onde não tinha luz e nem água encanada, tudo era difícil nessa época usávamos velas ou lampião durante a noite para ter uma luz dentro de casa, e a água pegávamos em poço artesiano que tínhamos perto de casa e um tempo que lembro até hoje.</p> <p>Os anos foram passando e eu e meus irmãos fomos crescendo, meus irmãos começaram a estudar, e já que nós morávamos longe, meus pais resolveram a morar mais próximo da escola, foi uma mudança que todos sentiram de deixar um lugar onde vivi até meus 5 anos de idade, mas meus irmãos precisavam estudar e eu com 5 anos de idade também iria começar a estudar. E também onde fomos morar a comunidade indígena iria receber energia elétrica e água encanada, assim ficamos mais perto do colégio.</p> <p>A minha infância, agora perto de todos meus tios e avós e primos, aproveitei muito minha infância nos brincávamos, mas como já falei, tudo estava mudando iria começar a estudar no colégio que tinha perto de casa na comunidade indígena, onde meus irmãos já estavam estudando. A escola era bem pequena naquele tempo, avia apenas três sala de aula, eu lembro até hoje, que as aulas eram só no período da manhã, mesmo que falei que a escola era perto tínhamos que caminhar 2 quilômetros para chegar até a lá, nos dias de chuvas era bem complicado para se deslocar para a aula, mas essa barreira não impediu de todos nós estudar, meus pais</p>	<p>Fique bem. Abraço, Dário F. Pasche</p> <p>Resposta à 2ª carta do Eder Ribeiro</p> <p>Eder, espero que esteja bem. Você ficou sem o celular por esses dias e, assim, temos conversado por e-mail, o que está dando certo.</p> <p>Hoje é 05 de julho. Mais um dia cinzento e frio em Porto Alegre, depois de uns dois dias de veranico. Aliás, temos sido surpreendidos com um inverno menos rigoroso nesse 2023. Ontem mesmo vi uma notícia que dia 03 de julho desse ano foi o mais quente já registrado, como uma média de 17,01°, façanha humana derivada de modo muito particular de habitar o planeta, ainda percebido como fonte inesgotável de energia, logo pode ser vilipendiado sem temor. Entidades de todo mundo, alguns governos e a ONU têm alertado que o aquecimento, oriundo de modos de produção capitalista, coloca em risco a vida na terra. Lembrei de escritos de Davi Kopenawa e de Ailton Krenak, que apontam para a irracionalidade com que homens brancos e seus modelos de exploração ambiente-homem habitam o planeta. Cientistas têm apontado para uma nova era geológica no período atual que eles chamam de cenozoico: a era do antropoceno. Era em que o planeta muda pela ação insidiosa dos humanos, sobretudo a partir do século XVIII.</p> <p>Parece mesmo que o homem branco europeu e o sistema capitalista por ele inventado tem produzido impactos terríveis sobre a vida: de um lado a escravização da maior parte das pessoas em sociedades do trabalho, cujo sentido é produzir e consumir seja lá o que for; de outra parte, essa sociedade utiliza de forma irracional recursos da natureza, colocando em risco a biodiversidade e produzindo catástrofes ambientais, como o aquecimento do globo terrestre.</p> <p>Esse modo de produção escraviza gente e o planeta e foi imposto ao planeta de forma muito violenta e por várias estratégias de violência. Uma delas apontada por pensadores do campo das epistemologias decoloniais, é a produção da morte dos saberes dos povos tradicionais, condição para fazer predominar o conhecimento, dito racional, das ciências. Saberes dos povos primeiros desse chão que chamamos de América, foram liquidados, quase exterminados. Como parte significativa desses saberes se transmite por geração de forma oral (pelas conversas e escutas), restou a alternativa de extinguir os corpos, corpos da cultura. Não havia bibliotecas para queimar, então se queimaram corpos.</p> <p>Centenas de línguas nativas e culturas diversas e complexas foram dizimadas e</p>
---	--

não tinham muitas condições financeiras, por esse motivo eu levava meus materiais escolar dentro de sacolas plásticas para não molhar, não me sinto envergonhado de falar isso mas era o que nós tínhamos naquele tempo.

Passamos muitas dificuldades, mas meus pais sempre nos incentivando para estudar, para nunca desistir dos estudos, porque eles não tiveram oportunidade de estudar quando eram jovens, a prioridade deles eram trabalhar, desde pequenos eles sempre nos falavam que não queriam que nenhum de nós para-se de estudar, não queriam ver nos trabalhando nas lavouras. Os anos foram passando, e o colégio onde estudava, tinha só até o 5º ano do ensino regular, assim que concluir o 5º ano teria que estudar em um colégio fora de minha aldeia indígena, na cidade de Tenente Portela, onde que conseguiria concluir meus estudos.

Mesmo estudando, eu e meus irmãos sempre ajudavam meus pais a trabalharem na lavoura na plantação de milho, mandioca e batata doce, mas sempre arrumando um tempinho para brincar e fazer minhas atividades da escola. Durante o período que estudei no colégio da minha aldeia, nos recebíamos os ensinamentos de nossa cultura, nosso idioma o kaingang, e de todos nós preservar a nossa cultura, mesmo que sairíamos de nossa comunidade indígena. Assim que conclui o 4º ano do ensino regular, meus pais me transferiram para outra escola para que eu comesse o 5º ano, no ano seguinte, me matricularam em uma nova escola Estadual de Ensino Sepé Tiaraju, em Tenente Portela.

As dificuldades foram enormes, em nova colégio onde não conhecia ninguém, o choque cultural foi muito grande, tive muita dificuldade de me adaptar com a nova realidade, e por também ser o único indígena estudando no 5º ano, sempre me sentia sozinho sempre quietinho no meu canto, mas o tempo foi passando e fui me acostumando, com a nova cultura e de estar aprendendo coisas que não tinha visto na escola dentro da minha comunidade indígena, as rotinas eram totalmente diferentes. Mas com o passar do tempo fui fazendo amizades com os novos colegas e fui começando a perder a timidez e comecei a interagir mais com meus novos colegas.

O choque de cultura foi enorme, mesmo eu estar me adaptando, sempre teve um preconceito por eu ser indígena, e de estar estudando fora de minha aldeia de estudar em escolas de "branco " sempre escutava me chamar de "bugre o que você quer estudar em escola de branco", mas apesar disso nunca desisti de estudar, fiquei estudando na colégio Sepé Tiaraju até eu concluir o 8º ano do ensino fundamental, lá fiz muitas amizades durante todos esses anos que passei lá estudando.

No término do 8º ano do ensino fundamental, na escola Sepe Tiaraju, meus pais

tudo isso para fazer vingar um projeto de civilização (que nada tem do que supomos civilizado) cujo cerne é afirmar como "ser" o branco europeu, que diz então que todos os demais saberes e corpos habitam zona do "não ser", cuja existência é uma afronta: corpos abjetos que devem ser eliminados.

Povos indígenas brasileiros, por essa sanha extrativista e exploradora imposta ao continente desde sua ocupação europeia, sofreram ação genocida, quase dizimados. Negros e negras sequestrados e escravizados, atravessaram o oceano, a diáspora negra, para servir de carvão, de combustível a esse modo de produção. Utilizados como força-motor por quase quatro séculos, foram "libertos" sem qualquer reparação e apoio. Povos indígenas, encurralados em territórios exíguos, muitos deles incapazes de propiciar a reprodução social digna. O Brasil reconhece Nações Indígenas, mas não garante suas fronteiras e cotidianamente brancos exploradores matam e saqueiam povos inteiros. Poderíamos imaginar que essa é uma história do passado, de nossos antepassados. Mas basta perceber que dias atrás a Câmara Federal aprovou o marco temporal que, literalmente, compreende que os legítimos donos das terras indígenas não são os povos indígenas.

Enfim meu caro Eder, uma duríssima história tem sido escrita em nosso país e continente. História de morte, segregação e exploração. Mas também uma história de luta e de resistências, muitas vezes propositadamente escondidas, não tornada visível e nem dizível, não alcançando se fazer palavra e discurso, pois reconhecer resistências ao escravizador é reconhecer que forças políticas e sociais atuam na contramão disso que se quer fazer hegemonia, que se quer contada como a história única por aqueles que se autodeclaram descobridores e civilizados, que dizem ter trazido a essa terra ignorante a luz do conhecimento e a libertação dos indígenas (e negros e negras) da vida pura em estado de natureza.

Imagino que a tua comunidade, teu povo e irmãos são gente da resistência. Não imagino o que seja ser um indígena nesse fogo cruzado entre manter tradições e construir relações com povos da cidade. Um exercício de reinvenção de si próprios, de uma nova tradição. Estudar em escola da cidade, ser um único indígena da escola, o "bugre" que para o espanto dos demais não está nu e não mora em uma oca. Esse movimento-tentativa de colocar o outro em uma posição menor, e desimportante.

Você escreveu a palavra bugre, que eu também escrevi na minha 1ª carta. Instigado por essa expressão, banalizada e corrente na região noroeste-colonial do estado do RS, fui buscar por seu sentido, sua origem. Constatei exatamente isso: o bugre é gente colocada no limiar entre humano e não- humano, um quase humano.

tiveram que me matricular em outra colégio para que eu concluísse meus estudos, na mesma cidade, consegui uma vaga no colégio Cléia Salete Dalberto, mas como foi da outra vez sempre com dificuldade e barreiras. As barreiras sempre foram as mesmas, com as perguntas que sempre escutei durante todo o tempo que fiquei estudando no Sepé Tiaraju, você é índio por que você não anda sem roupas, você mora em ocas?

Sempre teve que escutar essas perguntas, mas nada disso me fez desistir de estudar, com o passar do tempo fui ficando adolescente e fui sentido vontade de ajudar em casa, em ter um trabalho, tive que decidir em estudar de noite para que eu pudesse trabalhar, depois que consegui um trabalho aprendi a dar valor nas coisas que eu ganhava porque nada vem de graça. Mesmo assim consegui conciliar meu estudo e trabalho tive dificuldade, mas sempre pensando em nunca desistir de estudar, tive aprovações e reprovações, acabei ficando um ano a mais no ensino médio, mas em 2005 consegui concluir meus estudos, mas em minha cabeça não sentia vontade de continuar estudando tudo porque eu já estava trabalhando e já ganhava meu próprio dinheiro e não pensava mais em estudar.

Mas o tempo passa e a gente amadurece, durante esse tempo que fique sem ter pretensão em estudar, fui para vários lugares onde acabei ficando por vários anos, mas em 2013 retornei para minha cidade em Tenente Portela, já com pensamento em voltar a estudar e fazer uma graduação, porque naquele ano abri-o o edital específico para estudantes indígenas na UFRGS, no ano seguinte em 2014, abriu a oportunidade de realizar um sonho de voltar a estudar.

Chocante, né?

Mas viver é resistir. E resistir é produzir outras formas de andar pela vida. E disputar sentidos do viver. O Brasil, depois de séculos de dominação pelas gentes escravagistas, constrói novas perspectivas para o desenvolvimento social e econômico já no final do século XX fomos capazes de construir uma Nova Constituição, avançada em certos sentidos, mais ainda bastante “liberal”. Lá incluímos direitos sociais e econômicos, referências para se pensar um Brasil mais equânime. Embora os anos seguintes foram de governos neoliberais, em 2003 se rompe um movimento contínuo de governos sem qualquer, ou pouquíssimo, compromisso com as causas sociais, com as classes trabalhadoras. Em uma pequena janela de oportunidade histórica Lula, em uma coalizão liberal, assume e traz para o Estado brasileiro uma agenda ético-política muito importante, cujo enunciado Fome Zero, pode ser tomado como lema. Uma das maiores economias do planeta não pode ter parte significativa das pessoas passando fome. Isso é inaceitável.

Foi neste ambiente político que pautas dos movimentos sociais, de grupos e povos minorizados encontrou espaço na agenda política do país, acolhidas também por parte da sociedade brasileira. Os direitos de povos indígenas, comunidade quilombolas, entre outros, alçam, agora, a agenda política do país. Em 2003 são aprovadas as Leis das Cotas, depois de longa luta e disputa que envolveu inclusive o STF, que abriu espaços para a inclusão de grupos e pessoas até então alijadas do ensino superior. E as universidades brasileiras, majoritariamente tomada por valores da meritocracia e da branquitude, instigadas pela ação de movimentos sociais que atuaram de forma intensa e abriram espaço na agenda governamental, abrem suas portas (ou fazem frestas nelas?) para que cotistas ocupem salas de aula. Imagino que é nesse contexto que você fica sabendo da abertura de vagas na universidade pública, da UFRGS. Você poderia contar um pouco mais sobre essa descoberta, e o que fez você tomar a decisão de vir para Porto Alegre. As conversas em casa, a escolha da Saúde Coletiva, enfim me diga um pouco mais sobre esse momento, pois afinal, depois de ter frequentado uma escola fora da aldeia, você decide, mais uma vez, sair de perto de sua família para estudar na capital.

Me desculpa se me alonguei na escrita. Também me desculpa por escrever a carta uns 15 dias atrás e só hoje te enviar. Pensei que não estava pronta, mas não fui capaz de terminá-la antes do dia de hoje. Ontem, dia 18 de julho, te vi na Escola de Enfermagem e nos cumprimentamos rapidamente, quando estavas com Débora

	<p>solicitando os créditos complementares. Foi bom te reencontrar. Achei que você está muito bem. Feliz, imagino, por ter terminado todas as horas de estágio obrigatório.</p> <p>Forte abraço, Dário</p>
<p>Resposta 3ª Carta escrita para o professor Dário, de 26 de julho de 2023</p> <p>Olá, boa noite, Professor Dário, hoje 26 de julho, hoje está um daqueles dias muito estranho no final de semana um calorão e essa semana esfrio de novo, não há saúde que aguenta essas mudanças de temperatura, bem propício para pegar uma gripe e quem sofre mais são as crianças com qualquer frio já estão gripados. E também quem sofre bastante são os idosos das aldeias indígenas.</p> <p>Mas enfim, falando um pouco da luta do meu povo, que é constante e diária isso para ter um pouco de dignidade e ter um pedaço de terra para dizer que é sua, e viver em cima, mas com essa nova lei que estão aprovando o Marco Temporal, isso é uma justificativa para tirar todos os direitos dos povos originários, o fato de que as etnias estão sofrendo um extermínio, que se prolonga desde o período colonial.</p> <p>Por notáveis motivos, tiveram de se deslocar de suas terras para que fugissem de repressão, mesmo se deslocando foram mais uma vez dizimados por grandes epidemias trazido pela colonização. O entendimento, então, e de que seria razoável considerar a significação das terras para os povos indígenas, que tiveram que deixá-la por motivos exteriores as suas vontades. Marco Temporal é uma tese jurídica segundo o qual os Povos indígenas têm direito ocupar apenas as terras que ocupavam ou já disputavam em 5 de outubro de 1988, data da promulgação da constituição.</p> <p>As leis e cotas e aberturas de vagas para estudantes indígenas nas universidades públicas (UFRGS), isso vindo sendo debatido por vários anos sobre a entrada de estudantes, por mais, que as cotas para estudantes indígenas, em intocáveis oportunidades eram consultados sobre a forma de ingresso, o modo de funcionamento dos cursos a disposição da instituição para discutir um sistema de cotas para indígenas.</p> <p>A presença de estudantes indígenas no ensino superior a partir de um caso específico, a experiência da UFRGS, que desde o primeiro semestre de 2008 contempla o ingresso de estudantes indígenas em seu quadro discente. Essa</p>	<p>Eder, hoje é 14 de agosto, uma segunda-feira. O frio voltou e está entre nós mais uma vez. Escrevo pra você em dias frios; você me responde nos dias quentes. Nosso inverno está assim, com grandes variações de temperatura. E bem como você diz: haja saúde pra tanta variação! Sofrem mais as crianças e os mais velhos... e os friorentos.</p> <p>Mas logo se avizinha a primavera: o primeiro verão. E com ele temperaturas mais amenas, que convidam a gente sair dos refúgios, a “dar as caras” pelas ruas. Tempo, em Porto Alegre, de ventos: ventos primaveris.</p> <p>Na tua última carta, você me fala de duas questões bastante importantes: a decisão da UFRGS de abrir editais para a seleção de indígenas para cursar a universidade; e o Marco Temporal, iniciativa legislativa que busca cercar o direito dos povos indígenas de permanecerem em terras ancestrais.</p> <p>Agradeço a tua indicação do livro <i>Presença indígena na cidade: reflexões, ações e políticas</i>, organizado por Rosa Maris Rosado, onde pude ler o capítulo <i>Estudantes indígenas na UFRGS: movimento que anuncia um diálogo intercultural</i>, de Andréia Kurroschi e Mara Aparecida Bergamaschi. Nele pude compreender o processo de inserção de estudantes indígenas em nossa universidade, processo que data o ano de 2007, feito que pode ser visto como uma vitória das lutas de docentes engajados/as nas lutas em prol da questão indígena e de lideranças, movimentos e entidades indígenas que compreenderam que a luta passava também pela apropriação do espaço acadêmico e pela inscrição nele das questões dos povos indígenas, e em permanente exercício de interculturalidade.</p> <p>Eu ainda estava na UNIJUI quando ocorreu a iniciativa pioneira de formação de professoras e professores na língua kaingang. À época, percebo hoje, não compreendia exatamente o inusitado da experiência e a radicalidade política da iniciativa. Lendo o capítulo do livro, me repositionei e percebi a importância daquele feito realizado entre uma universidade pública não-estatal e lideranças indígenas da Guarita, entre outros. E também pude recordar, pela leitura do capítulo, que eu era um jovem professor na UNIJUI quando no início dos anos 1990, aquela universidade acolhe estudantes indígenas em vários cursos, como o</p>

possibilidade foi criada por um processo de diálogo e lutas, culminada na Decisão N° 134/2007 do Conselho Universitário, que instituiu uma política específica de ações afirmativas para o ingresso de estudantes originários de escolas públicas e autodeclarados negros. Os mesmos documentos preveem a cada ano a criação de dez vagas suplementares para estudantes indígenas.

A presença dos estudantes indígenas na Universidade pode se constituir num movimento de troca de conhecimentos, anunciando um diálogo intercultural que leva em consideração uma relação, ao mesmo tempo tendo essas lutas de cotas e vagas, as lideranças de cada aldeias que buscaram essa oportunidade para os indígenas, em cada reunião falam como é muito importante de conquistar o espaço dentro de uma Universidade. E fortalece que todas as aldeias precisam de indígenas formados não só no setor da saúde, mas também na educação. Com essa possibilidade de vagas específicas para estudantes indígenas, desde 2008, foram bem poucos estudantes que começaram a fazer uma graduação.

Durante todo esse tempo com essa possibilidade de entrar numa Universidade, eu priorizei em cuidar da minha filha até ela crescer, mas com o pensamento em voltar a estudar de novo. Mas em 2013, com a abertura do edital específico para estudante indígenas, venho essa possibilidade de eu voltar a estudar e fazer uma graduação foi uma decisão que tive que tomar junto com minha família.

Por muito tempo tive vontade de voltar a estudar, em 2013, quando surgiu a oportunidade de voltar a estudar, não perdi essa chance, tive uma conversa com meus pais e irmãos se essa era a decisão q deveria tomar. Pois eu tinha uma filha muito pequena, mas todos me apoiaram e se disponibilizaram a ajudar a cuidar da minha filha no momento que eu passa-se no vestibular.

O edital do processo seletivo abri-o com dez vagas para estudantes indígenas, dentre as dez vagas eu olhei no edital, por eu já ter estudado por um tempo em Técnico em enfermagem, eu já estava voltado para a área da saúde. A escolha para fazer o curso Bacharelado em Saúde Coletiva, foi por que é mais voltado para gestão, vigilância, promoção e políticas de saúde. Isso também é uma necessidade que precisa para a saúde indígena, fiz uma escolha que mudou totalmente minha vida de mudar tudo de uma hora para outra.

Já em 2014, fiz meu processo seletivo, que foi realizado em Porto Alegre, como o edital é só uma vez por ano me dediquei ao máximo para passar no processo seletivo. Porque não era só eu que estava fazendo as provas, todos os indígenas do Rio Grande do Sul Kaingang, Guarani e Charrua que estavam aptos para fazer o processo seletivo. Sem a perspectivas de passar mais confiante que iria passar

de Enfermagem, onde eu era professor. Lembro também que a Unijui fez, creio que na mesma época, outro processo de formação bastante importante, que foi a formação de professores do Movimento Sem Terra, que teve a aula inaugural em um assentamento em Ulha Negra. Tive a oportunidade de participar dessa atividade, que teve a presença de Paulo Freire, que tive o privilégio de conhecer naquela ocasião.

Analisando esses feitos de outrora, percebo de forma bastante nítida o papel relevante que podem (e devem) assumir as universidades, que aliadas a entidades e movimentos sociais, criam processos de formação e produção de conhecimentos que mudam o curso da história. A UFRGS, quando decide pela inclusão de estudantes indígenas, muda a história, e muda seu papel na história. Contudo, bem sabemos da importância de se manter vigilância sobre esses processos, que ainda não estão plenamente consolidados e necessitam ser cuidados.

O Marco Temporal, o outro ponto que você traz para nossa conversa, se revela como processo antagônico, contrário ao que aponteí acima. Movimentos sociais em defesa do meio ambiente, dos ambientes naturais e do planeta, da flora e fauna e dos povos originários, em minha percepção, são hoje o foco central da luta contra o capital e logo alvo de sua fúria. O capital e suas estratégias de reprodução, como o neoliberalismo, encontram nas resistências desses povos e de todas que nela se engajam, o mais emblemático ponto do embate político do contemporâneo. O planeta e sua habitabilidade é a última fronteira da exploração do capital, dado que está enraizado em todos os espaços da vida contemporânea.

A luta pela sobrevivência de nosso planeta é a luta contra a morte perpetrada pela fome insaciável das castas que por séculos se reproduzem à custa da exploração, que transformam tudo em mercadoria. Ampliar as fronteiras agrícolas, explorar solos debaixo de florestas e dos oceanos utilizando-se de tecnologias perigosas e ameaçadoras da vida, expulsar/exterminar/fazer sucumbir civilizações inteiras se for preciso. Essa é a ética do capital, uma antiética que não considera senão a própria e lógica expropriadora de reprodução do capital.

O tal Marco Temporal significa tornar constitucional o extermínio e o fim de barreiras ético-jurídicas para permitir e ampliar quase sem limites a exploração irracional da vida, do planeta e dos povos que habitam e resistem em meio à floresta, às águas e nos campos ainda não devastados. Por isso, deve ser refutado de forma veemente, pois instrumento de morte.

Nesta batalha resta ainda esperança de que o STF não deixe de arbitrar em nome da vida, pois o Congresso está entregue a essa gente sem escrúpulos, que se

<p>esperei uma semana para ver o resultado, quando saiu o resultado e vendo que meu nome estava na lista entre os dez classificado para mim foi uma vitória pessoal, pois já estava fazendo quase 9 anos que eu estava sem estudar e fazer uma prova que estava bem difícil.</p> <p>Foi uma conquista para mim e pela minha família, que no momento que decidi a fazer o vestibular estavam me apoiando em tudo e me deram muita força, as decisões de eu sair de minha comunidade indígena e vim para Porto Alegre não foi fácil, porque eu tinha que me afastar de minha família e minha filha que ainda era muito pequena, mas tive o apoio de todos para encarar essa nova jornada de estudos e de morar sozinho. Quando chegou o momento de seguir sozinho, foi um choque enorme de conviver com pessoas que eu não conhecia de me adaptar com novas rotinas.</p>	<p>reproduzem por séculos e mantém viva a chama de exploração dos escravocratas, que aqui se instalaram desde 1500.</p> <p>Mas viver é lutar. E estamos na luta.</p> <p>Dito isso, queria te convocar a uma reflexão: como foi, nesse tempo de inserção na UFRGS, a tua vida na universidade e no Curso de Saúde Coletiva.</p> <p>Queria ouvir de você, a partir de tua experiência, quais lacunas, dificuldades e desafios permanecem e que dificultam a permanência de estudantes indígenas na universidade. E nessa mesma direção, o que você encontrou na tua experiência e nos diálogos com demais estudantes indígenas de experiência e atitudes que apoiaram e sustentaram tua presença na Universidade. Você poderia me responder essas questões considerando também artigos e textos que você leu e estudou sobre a temática da inserção de estudantes indígenas nas universidades brasileiras.</p> <p>Abc.</p>
<p>4º Carta relato de um indígena Sanitarista em formação</p> <p>Professor Dário, boa tarde, hoje 17 de agosto, quinta feira, está um calor o dia todo, hoje volta a escrever a minha carta com toda minha trajetória acadêmica desde 2014/1, sobre meu acesso minhas dificuldades durante todos esses anos que passei aqui na UFRGS.</p> <p>De fato, no ano de 2013, quase no final do ano abre o processo seletivo específico para estudantes indígenas, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), destina anualmente dez vagas dez suplementares para ingresso de estudantes indígenas em seus cursos de graduação, com parte de sua política de ações afirmativas. Com essa possibilidade de cursar uma graduação surgiu a minha vontade de fazer um curso de graduação em uma Universidade, depois de quase nove anos parado, mas mesmo ficando todos esses anos, eu sempre tive vontade de voltar a estudar.</p> <p>Mas as dificuldades não deixavam, pois eu tinha uma filha comigo, Joice Mirela, que eu priorizei em cuidar dela, mas em 2013, com ela já grande resolvi a me escrever no processo seletivo para fazer a prova em 2014, olhei o edital com dez cursos, entre os dez o que me chamou a atenção foi bacharelado em Saúde Coletiva, e também eu sempre queria fazer um curso na área da saúde, porque eu cheguei a cursar Técnico em enfermagem. Em 2014, com a entrega de documentos, de uma</p>	<p>E-mail enviado por Dário Frederico Pasche Dario.pasche@gmail.com sex., 18 de ago., 14:10</p> <p>Oi, Eder, sobre tua pergunta-observação feita no final da 4ª correspondência que trocamos: “Professor Dário será que foi relevante eu falar sobre o que eu passei dentro da sala de aula?”</p> <p>Sim, Eder, muito relevante.</p> <p>Uma fala racista, que brota na fala de um professor na presença do único estudante indígena da sala, é sim relevante. Não imagino que a fala fosse endereçada a ti. A racialização, que impõe aos racializados a condição de humano inferior, constitui arquétipos mentais (estrutura nossos pensamentos e inconsciente) e, portanto, está entre nós. Importante que você trouxe esse fato à escrita, pois tem um poder regenerativo e terapêutico. Você, na ocasião, se retirou do espaço da aula e foi acolhido por colegas. Bem provável que tenha guardado dentro de ti essa mágoa, essa ofensa, sem poder falar dela onde ocorreu, ou seja no espaço de aula. Mas você pôde fazer isso nesse momento. Em que pese essa experiência triste que você vivenciou, a fala que "por tabela" colocou você em um lugar menor, que exigiria, então que você abandonasse a cultura indígena, que você ultrapassasse a ti mesmo como sujeito, que exigiria de ti a negação de uma cultura, condição para "sair da burrice", você não esmoreceu e dentro de ti gritou algo mais forte que isso: sou um</p>

declaração étnico-racial e de uma declaração da minha própria comunidade indígena, assinado por uma liderança, e homologada pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), eu estava apto para fazer a prova do vestibular.

Com a aprovação no processo seletivo, minha caminhada acadêmica começa em 2014/1, foi a hora da mudança de sair da minha aldeia indígena, e sair de perto dos meus pais irmãos e minha filha, foi uma decisão entre família para eu vim para Porto Alegre. Já em Porto Alegre, com a matrícula já feita, começa meu percurso acadêmico, tudo novo, a mudança foi muito difícil, de começar os estudos de saber que eu era o único indígena na sala de aula para mim foi muito difícil, de quebrar essa barreira, de saber que eu estava dentro de uma sala de aula de uma Universidade a responsabilidade era muito grande.

As grandes dificuldades de aprender código e regras, de saber quando e como falar, de se apropriar-se do vocabulário acadêmico, ler e escrever de modo eficaz, desenvolver a concentração e organizar os horários de estudos, foi bem complicado e por eu ser um pessoas mais tímida e ficar sempre quieto no meu canto não foi fácil, mas tive uma boa recepção dos meus colegas de aulas e dos professores, me ajudaram muito na parte do acolhimento.

O que me ajudou muito também, foi do apoio pedagógico desenvolvido por meio do programa de monitoria indígena, em que são designados um professor orientador e um estudante monitor responsáveis pelo acompanhamento do estudante indígena, isso ajudou muito para poder se organizar nas atividades universitária.

Tive o primeiro e segundo semestre muito bom, mas depois disso eu não consegui mais acompanhar meus colegas, estava com muitos problemas particulares e não conseguia mais acompanhar as aulas, tive de trancar várias UPPs, e fui me perdendo nos semestres, muitas coisas aconteceram durante o percurso acadêmico, que quase me fizeram eu desistir de continuar estudando. Tive uma experiência dentro da sala de aula, que me fez repensar e refletir, sobre eu ser estudante indígena universitário, não é fácil lembrar e falar sobre isso que aconteceu comigo.

Não sei se é relevante falar muito sobre isso, mas uma hora ou outra eu tinha que falar, tudo aconteceu em uma aula no terceiro semestre que era para nós alunos falarmos sobre nossa trajetória escolar e acadêmica, e nesses relatos, sem falar nome da pessoa, contou sua trajetória acadêmica e de como ser um professor Universitário, e nesse relata escutei ele falar “que quando começou o seu percurso acadêmico ele era burro que ele escrevia tão mal, que ele escrevia igual um índio” isso foi choque para mim escutar ele falar, pensei comigo mesmo o que então estou fazendo aqui? Aqui não meu lugar? Estou no lugar errado, mas no momento não

indígena e serei um sanitarista indígena. E te digo: será o primeiro sanitarista indígena formado pela UFRGS.

Abc

<p>quis afrontar e falar alguma coisa que não deveria, eu só peguei e sai da sala de aula, isso para mim foi uma coisa que mexeu comigo e me fez quase desistir de estudar.</p> <p>Mas tive o apoio de meus colegas nesse momento difícil, que não me deixaram eu desistir do meu sonho que era estudar, mas foi complicado e muito aquele semestre, mas enfim, tudo passou e continuei, mas fui cada vez mais devagar pegando poucas UPPs, e fui me perdendo em cada semestre, em 2018/1, resolvi trancar o semestre por que já tinha perdido o foco dos estudos, e foi assim no semestre seguinte, fiquei um ano sem estudar, durante esse tempo minha professora orientadora sempre me ligando me procurando para que eu voltasse a estudar de novo e continuar minha graduação.</p> <p>Em 2019/1, resolvi a voltar a estudar e fazer minha matrícula de novo, entrei no portal do aluno para fazer a matrícula, e me deparei com uma mensagem que dizia que eu estava desvinculado da Universidade, tomei um susto quando eu vi, tive que entrar com um processo de readmissão no meu curso de novo, foi um longo processo que durou o semestre inteiro, mas eu nunca desisti de voltar a estudar de novo, tudo isso que passei me fortaleceu, me fez eu gostar cada vez mais do curso e de ser um futuro sanitarista, fui readmitido no final do semestre para mim foi uma vitória de eu conseguir.</p> <p>Essa experiência de estar estudando na UFRGS, não só para mim, mas para todos os estudantes indígena, fortalece cada vez mais o aprendizado está nos tornando como pessoa e cidadão, que tem voz e sabe seus direitos. Tive o apoio durante todo meu percurso acadêmico, e estou no curso que eu sempre quis, minha formação vai contribuir muito na aria da saúde indígena.</p> <p>Obs: professor Dário será que foi relevante eu falar sobre o que eu passei dentro da sala de aula?</p>	
<p>Porto Alegre, 23 de agosto de 2023</p> <p>Boa tarde, Professor Dário, hoje com esse tempo bem enjoado um pouco está quente e depois frio e chuva também, está bem complicado hoje. A reunião que nós tivemos semana passada, foi bom porque esse semestre não estava fechando um dia para fazer a reunião. Mas enfim, de todos os materiais de referências, e dados visto sobre o ingresso de estudantes indígenas nas Universidades Brasileiras. E também dos ingressos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e sobre a</p>	<p>Porto Alegre, 21 de agosto de 2028 (enviada antes da escrita da última carta do Eder, de 23/08/2023)</p> <p>Prezado Eder, depois que conversamos presencialmente na semana passada, dia 18 de agosto, você ficou com a tarefa de sistematizar, de escrever, a partir de alguns materiais de referência, informações e dados sobre o ingresso de estudantes indígenas nas universidades brasileiras, que nos permitisse compreender o cenário e contexto em que tua trajetória pessoal se insere, dele deriva e nele interfere.</p>

políticas de ingressos Processo específicos dos estudantes indígenas.

A presença de estudantes indígenas na universidade pode se constituir num movimento de troca de saberes e conhecimentos, dirimindo a ignorância que ainda predomina no seio da Universidade, e anunciando o diálogo intercultural que leva em consideração uma relação de reciprocidade. Fato resultante de um projeto político coletivo, que busca preparar profissionais para atender as necessidades de gestão dos territórios indígenas, bem como contribuir na tão desejada autonomia dos povos originários.

E também um movimento que se agrega as aspirações políticas dos povos indígenas que buscam construir propostas práticas de desenvolvimento no diálogo com os saberes acadêmicos, mas acima de tudo, fortalecer os conhecimentos tradicionais e potencializar suas capacidades de negociação dentro e fora de suas comunidades.

A presença de estudantes indígenas nas universidades brasileiras e um fenômeno recente, incentivada pela implementação de diversas políticas e ações no ensino superior público e privado a partir da década de 2000. Destacam-se as políticas de ações afirmativas, as quais visam incrementar a presença de sujeitos pertencentes a grupos considerados minorias sociais ou categorias socialmente desfavorecidas; como negros, indígenas, pessoas com deficiência e de baixa renda.

A políticas de ações afirmativas para os povos indígenas no ensino superior público foram inicialmente implementadas por meio da promulgação de leis estaduais e por iniciativas das próprias Universidades. A presença de estudantes indígenas no ensino superior a partir de um caso específico, a experiência da UFRGS, que desde o primeiro semestre de 2008 contempla o ingresso de estudantes indígenas em seu quadro discente. Essa possibilidade foi criada por um processo de diálogos e lutas, culminando na Decisão Nº 134/2007 do Conselho Universitário, que instituiu uma política específica de ações afirmativas para o ingresso de estudantes originários de escolas públicas autodeclarados negros. O mesmo documento prevê a cada ano a criação de dez vagas suplementares para estudantes indígenas:

Art. 12-no ano de 2008, serão disponibilizadas 10 vagas para estudantes indígenas cujo forma de distribuição será definido pelo CEPE, ouvidas as comunidades indígenas e a CONGRAD dos cursos.

1º - institui-se a Comissão de Acesso e Permanência do Estudante Indígena, que terá sob sua responsabilidade os processos seletivos dos estudantes indígenas, bem como o seu acompanhamento e inserção no ambiente acadêmico (UFRGS, 2007).

Embora a UFRGS tenha sido a primeira Universidade pública do estado a criar uma política de acesso e permanência a estudantes indígenas, é importante ressaltar o

Eu fiquei com a tarefa de fazer uma “olhada geral” sobre nossos escritos e buscar dialogar com eles, considerando nosso exercício coletivo de escrita.

A primeira questão que me ocorreu foi **o que fazer** com esse material, ou melhor, **de que é feito** esse material? O que tem ele a nos dizer sobre o tema que colocamos em reflexão que a inserção de estudantes indígenas na Universidade?

As cartas que troquei com você, meu caro Eder, provocaram em mim vários movimentos.

Um deles, foi que, escrevendo as cartas, tive a oportunidade de falar de alguma forma de minha trajetória como professor, de trazer à escrita fragmentos de minha própria memória que têm sido, desde sempre, importantes em minha atuação. Além disso, exigiu de mim posicionamento frente a várias questões ético-políticas sobre o exato tempo político que vivemos.

A interrogação sobre o que produzimos com essas escritas me levou a reler um capítulo de um livro que acho que não foi apresentado a você. O livro se chama “Pistas do método da cartografia”, organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escócia. Reli o capítulo 8 “Por uma política da narratividade”, que é seguido por um capítulo final, chamado de “Diário de bordo de uma viagem-intervenção”, escrito pelo organizador do livro, o Eduardo Passos e a Regina Benevides de Barros. Nesses escritos eles trocam cartas sobre a experiência que Regina está vivendo em Moçambique. Tive a oportunidade de trabalhar com eles por mais de uma década na Política de Humanização do SUS (PNH - HumanizaSUS). Regina e Eduardo, com Gastão Campos, criaram a PNH no MS, que eu coordenei, com apoio deles e de um grande coletivo nacional, entre os anos de 2007 e 2011. Uma experiência muito especial, pois de alguma forma, penso hoje, dialoga com nossos escritos. A PNH se colocou como uma questão no sistema de saúde brasileiro, pois se percebeu necessário interrogar e alterar as formas de cuidar e de gerir processos de trabalho e o SUS como um todo. A humanização se apresentou como movimento da construção de um SUS que reconhecesse a diversidade da gente brasileira, e das desigualdades no país. Reconhecer a diferença não para recusar parte de nossa gente, feito bem comum, mas para incluir aquelas e aqueles que geralmente são excluídos das políticas públicas. E excluídos não apenas de suas ações, quando ofertadas, mas de seus processos de planejamento e implementação.

Superar a condição de exclusão de parte da população da gestão das políticas públicas impõe, como dirão Eduardo e Regina, produzir uma nova política de

pioneirismo da Universidade Regional do Noroeste do Estado Rio Grande do Sul-UNIJUÍ, como a primeira no Rio Grande do Sul a acolher e diplomar estudantes indígenas em seus cursos de graduação, no ano de 1992. Outras instituições de ensino superior de cunho comunitário também abriram suas portas para estudantes indígenas, como a Universidade de Passo Fundo-UPF e a Universidade Regional Integrada-URI.

Por meio de uma política específica, o modelo de ingresso para estudantes indígenas criado na UFRGS elegeu o diálogo para estabelecer e desenvolver a política, ouvindo lideranças. Respeitando essa definição, no momento da inscrição para o processo seletivo diferenciado, o estudante indígena apresenta a universidade uma declaração de sua comunidade de origem, assinado por lideranças locais, afirmando seu pertencimento étnico aquele grupo.

Afirmando a disposição política dos povos indígenas em assumir os múltiplos desafios e superar a visão tutelar que por muitas décadas os tratou como relativamente capaz. Os estudantes indígenas inseridos na UFRGS participam concretamente desse movimento que, a um só tempo afirma a identidade indígena e assumir novos desafios, colocados pela vida acadêmica.

narratividade: um novo jeito de se dizer sobre aquilo que se passa (na vida). No caso do SUS quando profissionais da saúde e usuários tomam a palavra vão falar desde suas perspectivas, o que acaba por modificar o que se entende como problemas (de saúde) e formas de enfrentá-los. Outros e outras dizendo de outras formas: o dizível não é mais o dito da norma, mas de uma outra norma que se quer impor como um comum que se produz na diferença. O velho sonho de uma democracia participativa.

Penso que a chegada de estudantes indígenas na Universidade derivou dessa perspectiva: movimentos e lideranças atuando para abrir (os ferrolhos) das portas da universidade, trazendo ao debate a necessidade da inclusão. Uma vez dentro da universidade, agora como estudantes e, logo mais, de forma acentuada como docentes-pesquisadores/as, as vozes indígenas se fazem escutar e acionam afetos e posições de personagens que apoiam, mas também aqueles que recusam essa presença. Efeitos políticos da inclusão: produção de movimento(s), desconstruções, deslocamentos.

Esse caminho, pelo teu testemunho não é propriamente tranquilo. Como dizem Eduardo e Regina (pg. 193): “o devir [indígena] não se anuncia sem um custo e não há como entrar nele confortavelmente, tranquilamente”. Devir aqui como um porvir (que virá) universidade intercultural e inclusiva, verdadeiramente um espaço de acolhida e pertencimento de todas e todos os brasileiros. Assim como a PNH pensou o SUS: um SUS para uma qualquer, qualquer um.

O necessário desconforto não implica, contudo, em uma atitude impiedosa, já que habitar esses espaços para transformá-los é necessariamente a experiência da dor. Precisa a Universidade ampliar e qualificar seus espaços de acolhida e cuidado de quem está nessa condição de incluído minoritário. Se o desconforto é a marca desse processo, acrescentemos espaços para lidar com ele, transformando essa experiência em uma reconstrução de afetos.

MEU PERCURSO PELO CURSO: MARCARES SINGULAR DE UM PROCESSO

Meu percurso singular como estudante indígena na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi um processo lento, mas bem proveitoso, de aprendizagem, nunca pensei tanto na minha identidade indígena como aqui, me fortaleceu muito com a minha cultura. A Universidade é um sonho não só para mim, mas para todos que almejam a fazer uma faculdade. A minha trajetória acadêmica que começou no ano de 2014, já faz muito tempo, que estou nessa trajetória e também um olhar é uma prática acadêmico que timidamente está se modificando.

A mudança de habito e de rotinas também foi uma barreira, de se deslocar de minha aldeia indígena e vim do noroeste do estado, em busca de um sonho que era fazer um curso superior na universidade, e como eu já falei no início, em 2014, cheguei em Porto Alegre, meio assustado sem saber se eu iria me acostumar longe de minha família, mas no primeiro contato fui bem recebido pelos estudantes indígenas que já estavam cursando na universidade, fui bem acolhido por todos, no momento da apresentação eu percebi que não iria estar sozinho em Porto Alegre.

No começo do semestre conhecendo meus professores e colegas, todos fizeram a sua apresentação e eu fiquei meio acuado me sentindo envergonhado, mas foi passando rápido porque foi bem acolhido por todos. Durante o semestre tive um monitor para que eu pode se a me organizar nas atividades de cada UPPs, e também tive uma orientadora, para que eu consegui se me adaptar as minhas novas rotinas de um estudante universitário.

As dificuldades sempre tive durante o meu percurso acadêmico, não só por razão de eu não conseguir acompanhar meus colegas, mas também por muitos problemas familiares, em questão da guarda de minha filha, tudo isso agregou para eu não ter o desempenho que eu sempre quis na universidade. Apesar de todos esses problemas que tive durante minha graduação, não me fez desistir do meu sonho e objetivos, as dificuldades todos tem dentro de uma Universidade, mas para um indígena que vem do interior do estado, para Porto Alegre, tudo é novo, novas rotinas, isso reflete na sua adaptação que fica bem lenta, por ter muitos estudantes indígenas que não consegue se adaptar, muitos desiste e voltam para suas aldeias, isso também é um choque cultural para todos os estudantes indígenas.

Mas durante todos esses anos que estou na Universidade, um semestre me marcou muito e quase me fez desistir de estar cursando uma faculdade, de repensar no que eu queria, de ver como que apesar de estar dentro de uma Universidade os indígenas ainda sofrem com um preconceito, de ser minoria de vim de uma aldeia indígena, as vezes cheguei a pensar se era mesmo o lugar certo que eu estava, mas nada disso que aconteceu dentro da sala de aula me fez desistir de meus objetivos, foi um processo doloroso que guardei por muito tempo e nesse momento é relevante falar.

No período de 2018/1, no início do semestre, não estava me sentindo bem, precisava de um tempo para repensar, fiquei o semestre inteiro no interior do estado na casa de meus pais e ao mesmo tempo que estava no interior, meu monitor e a minha orientadora sempre fazendo o esforço para que eu voltasse no semestre seguinte, mas resolvi trancar 2018/2, e começou meus problemas no semestre seguinte quando resolvi voltar para a faculdade, entrei no portal do aluno para fazer o pedido de encomenda de matrícula, e tive um surpresa bem desagradável, no sistema da UFRGS eu já constava como desvinculado, foi uma surpresa para mim, mas não baixei a cabeça eu não iria desistir de voltar a estudar entrei com recurso para poder ter a minha readmissão, foi um longo processo que durou o semestre inteiro. As possibilidades eram muito pequenas para que eu pudesse fazer minha matrícula de volta, mas enfim, consegui minha readmissão para o semestre seguinte, tudo isso que eu passei me fortaleceu muito e me motivou muito para que eu pudesse concluir minha graduação.

O retorno para a universidade, em 2019/2, foi uma vitória, voltei com as motivações renovadas, em busca do ano perdido, o foco estava em recuperar as UPPs que já estavam muito atrasadas, com a ajuda do meu monitor começamos a organizar as atividades. Meu percurso acadêmico não foi nada fácil, cheios de altos e baixos, de ver meus colegas se formando e eu ainda me arrastando em UPPs de semestres anteriores, sempre tive apoio de meus colegas e professores. No ano de 2020, venho a pandemia do COVID, que nos fez para e entrar em quarentena em março, tudo aconteceu der repente, muito assustador de todos ficarem só em casa, e não ter como sair na rua, de ver várias pessoas contraindo o COVID, vendo notícias de muitas gentes indo ao óbito em poucos dias, Porto Alegre ficou com as ruas vazias todos com o medo de sair de suas casas, para nos indígenas ficou mais complicado para viajar para nossas aldeias, e foram longo dois anos com tudo restrito todos tomando um cuidado enorme, com nossa saúde na

casa do estudante universitário (CEU), nesse período cheio de restrições tivemos as aulas em modo remoto, aulas todas on-line, com aulas virtuais.

O processo de aulas on-line, remota, foi muito diferente do que uma aula presencial, porque nós não tínhamos o contato com os professores e colegas para tirar as dúvidas, isso também foi uma experiência nova para todos. E também muitos alunos indígenas que voltaram para suas aldeias, e por ser no interior, e bem retirado das cidades muitos não tinha internet em casa isso dificultou muito os estudos, escutei vários relatos de indígenas que não conseguia acompanhar as aulas on-line por não ter internet. Durante esse período de pandemia, na metade do semestre de 2022, Como eu já estava quase finalizando todas minhas UPPs, comecei a fazer meu estágio obrigatório curricular, de 300 horas, na Secretária Municipal de Saúde (SMS), na Área Técnica de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas.

Nesse período de estágio na SMS, acabei adoecendo e não consegui terminar o estágio no tempo que estava estipulado no meu cronograma, tive que me afastar por alguns meses para cuidar de minha saúde, passei alguns meses por turbulentos, mas tive apoio para me recuperar e voltar a fazer meu estágio, quase no final de 2022, retornei e concluí essa etapa na SMS, sai com uma experiência enorme e mais motivado para concluir meus objetivos. Ao término das minhas atividades na Secretária Municipal de Saúde, já comecei a encaminhar minha outra etapa que era o segundo estágio, mas como nada é fácil, foi alguns meses atras de me encaixar em um estágio, sempre com total apoio de meu orientador professor Dário Frederico Pasche, foram várias tentativas e não conseguia, até que surgiu uma oportunidade de estagiar no Hospital Sanatório Partenon (HSP), com a supervisão da professora Cristianne Maria Famer Rocha, consegui me encaixar nas minhas últimas 300 horas curriculares.

No Hospital Sanatório Partenon, tive uma experiência enorme durante os três meses que fiquei lá nas atividades decorrentes do estágio, a possibilidade de estar em contato com os usuários do SUS, de presenciar os atendimentos, na parte dos acolhimentos dos pacientes, de cada departamento que estive vinculado durante esses três meses, me mostrou o quanto e muito importante de ter um sistema de saúde de qualidade, para que podem dar um atendimento de qualidade para os usuários das unidades de saúde aonde que são vinculadas.

Durante esse meu percurso acadêmico, desde o ano de 2014, me proporcionou conhecer lugares novos, fazer amizades com pessoas que não era do meu convívio diário, e também de ficar longe de minha família. As dificuldades e aprendizados que passei durante todos esses anos que estou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quero passar para os novos ingressantes indígenas que é possível, nós somos capazes de conquistar nossos espaços dentro de uma Universidade, construir uma história dentro da UFRGS, com persistência e força de vontade tudo é possível de almejar nossos objetivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KURROSCHI Andréia Rosa da Silva; BERGAMASCHI Maria Aparecida. Estudantes Indígenas na UFRGS: movimento que anuncia um diálogo intercultural. In: ROSADO, Rosa Maris; FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas. Presença indígena na cidade : reflexões, ações e políticas / organização; realização Núcleo de Políticas Públicas para Povos Indígenas. – Porto Alegre : Gráfica Hartmann, 2013. 248 p

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliane de. Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre : Editora Sulina, 2009.

Sites consultados:

<https://www.ufrgs.br/prograd/ingresso-de-indigenas>

<https://twitter.com/sumaumajournal/status/1693737805921366151?t=vpL0HiLmY6xnz6WNZLKdFA&s=03>